



REVISTA  
**GEOGRÁFICA**  
UNIVERSAL

Manaus, Rio Branco, Boa Vista, Porto Velho (via aérea), Cr\$ 36,00

VATICANO  
A HERANÇA  
DE SÃO PEDRO

PALAU  
JARDIM  
SUBMARINO

XINGU  
AS LIÇÕES  
DOS ÍNDIOS

CALIFÓRNIA  
O VALE  
DA MORTE





*“Se acharmos que o nosso objetivo aqui em nossa rápida passagem pela Terra é acumular riquezas, então não temos nada a aprender com os índios. Mas se acreditarmos que o ideal é o equilíbrio do homem dentro de sua comunidade, então os índios têm lições extraordinárias para nos dar.” — Orlando Vilas Boas*

# *As Lições dos Índios do Xingu*

Texto e fotografias de  
**JOÃO DE ORLEANS E BRAGANÇA**

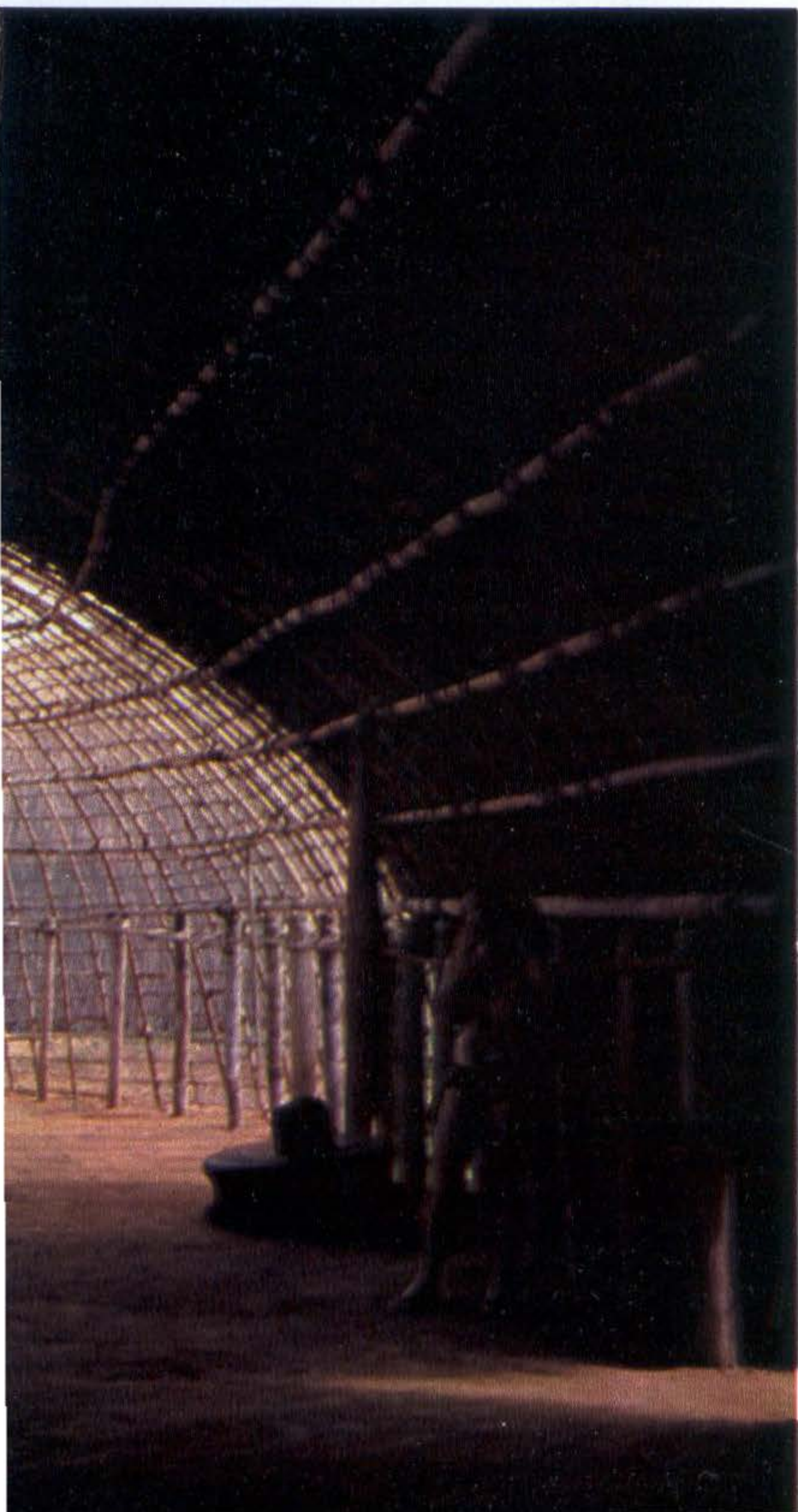
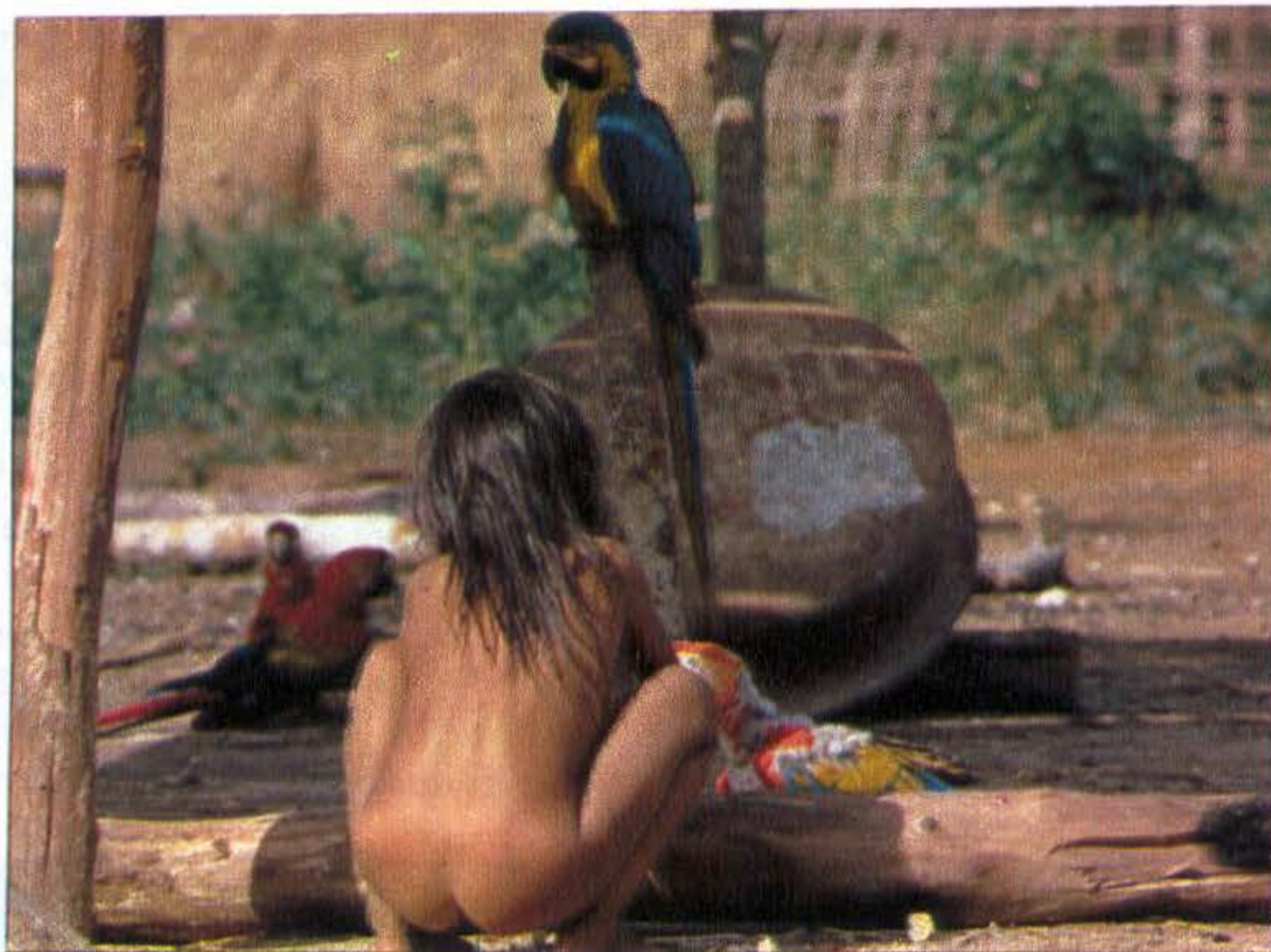
**O**RLANDO Vilas Boas e seus irmãos Cláudio e Leonardo tomaram parte nos primeiros trabalhos de desbravamento do alto Xingu, realizados pela vanguarda da expedição Roncador-Xingu, entre 1944 e 1948. Em 1948, Orlando foi nomeado chefe da expedição, dinamizando e acelerando os seus trabalhos, que se encerrariam em 1951. A partir desta data, Orlando passou a desenvolver uma campanha visando à criação pelo governo de uma ampla reserva sob o nome de Parque Nacional do Xingu, o qual foi finalmente instituído em 1961. A partir destes esforços, levantou-se uma valiosa documentação sobre a área indígena do alto Xingu e criou-se uma nova política indigenista, que consiste basicamente na defesa dos valores culturais do índio como meio de evitar a sua marginalização e o desaparecimento de grupos e tribos.

**Durante** a puberdade os índios passam por um período de reclusão que é aceito com a mesma naturalidade com que convivem e procuram conservar a natureza que os rodeia (fotos ao lado).

Embaixo, uma das casas típicas do Parque do Xingu.

Seu vão central pode alcançar os oito metros de altura, e a construção leva até seis meses, havendo a colaboração de todos os homens do grupo. Estas habitações apresentam-se sempre dispostas em círculos e há espaço de sobra para toda a família. Seu conforto térmico e a ventilação são perfeitos.





O Parque Nacional do Xingu foi oficialmente criado em 1961, através de um decreto presidencial e como resultado de um intenso trabalho que se vem desenvolvendo desde o pioneiro Marechal Rondon e se concretizou graças à perseverança dos irmãos Vilas Boas, seus idealizadores, que há mais de trinta anos se dedicam profundamente ao índio brasileiro.

Hoje a FUNAI — Fundação Nacional do Índio —, órgão vinculado ao Ministério do Interior, está terminando a demarcação do Parque, abrindo clareiras a sua volta e colocando marcos a cada mil metros para que não parem dúvidas sobre as suas fronteiras. Assim, os cerca de trinta mil quilômetros quadrados que o compõem deverão ter sua inviolabilidade assegurada, e ficará protegida a propriedade indígena.

A criação do Parque teve como objetivo a preservação da área como reserva florestal; a manutenção da flora e da fauna como na época do descobrimento; e a contenção da exploração destrutiva. Além disso, visa a pesquisa de recursos naturais e sociais devidamente autorizados pela direção do Parque e proíbe toda atividade turística na região, por colocar em risco o patrimônio cultural dos indígenas. Os serviços de assistência médica e social são controlados de forma que os visitantes e pesquisadores fiquem na reserva somente o tempo necessário para a realização dos seus trabalhos e que o seu contato com os indígenas não prejudique os costumes locais.

Nas proximidades dos rios formadores do Xingu -- Culuene, Curisevo, Batovi, Jatobá e Ronuro -- e nas cercanias do Posto Leonardo Vilas Boas, da FUNAI, localizam-se as tribos Kamayurá e Aweti (do grupo lingüístico tupi) e Waurá, Mehináku, Yawalepití, Arawak, Kuikuró e Kalapalo (do grupo lingüístico Karíb), vivendo num intenso processo de aculturação intertribal, no qual as diferenças lingüísticas e particularidades de cada tribo vão sendo suplantadas por uma certa uniformidade cultural.

Entre as tribos não existem fronteiras e sim áreas de interesse, sendo considerados de muita importância entre os indígenas

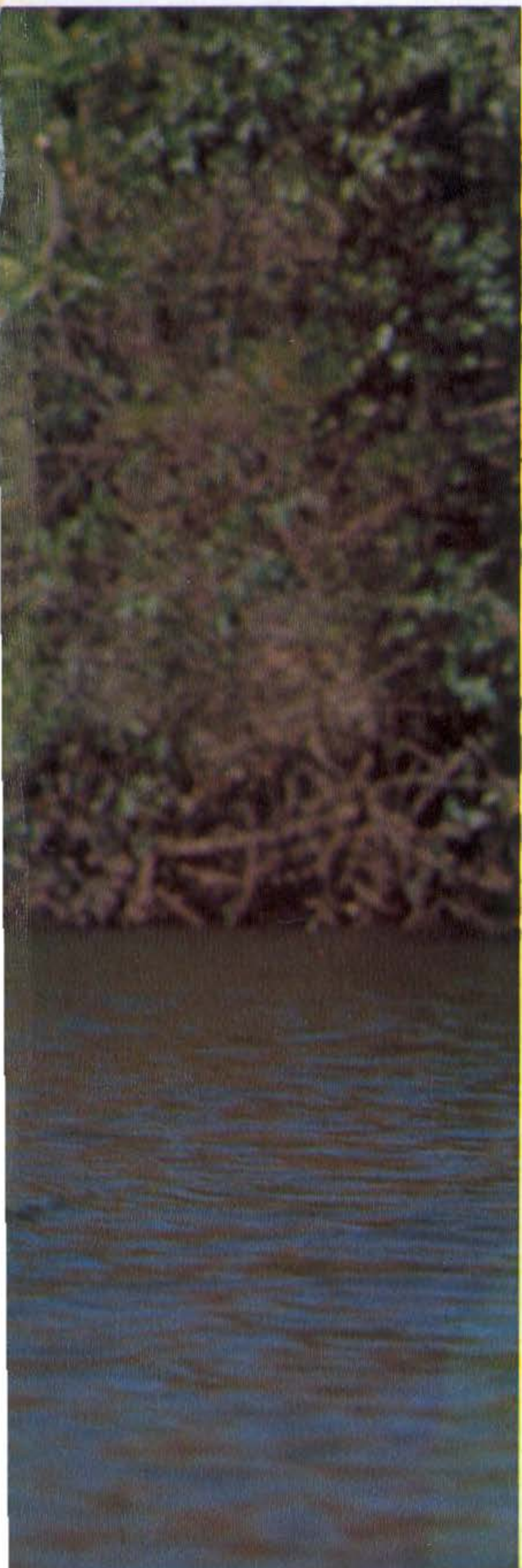
os contatos mantidos com as aldeias vizinhas e com os funcionários da FUNAI, o que demonstra o valor da atividade social dentro do seu sistema. Eles conhecem o valor das relações de *uns em função dos outros*, sem nunca perderem de vista a preservação de sua própria identidade. Este sentido de amizade é imprescindível para a continuidade de sua existência e pode ser mais bem observado na realização das festas com a participação dos grupos vizinhos.

Todas as aldeias têm as casas dispostas em círculo e são sempre localizadas nas proximidades de um lago ou rio. A higiene é fundamental na sua vida, e assim

96



A pesca é a fonte básica da alimentação dos índios do Xingu, sendo praticada de várias maneiras. Embaixo, Tacumã, chefe dos Kamayurá, e seu filho, navegando no Rio Culuene. À direita, o mesmo chefe, pescando com timbó; à direita, ao centro, um índio funcionário da FUNAI pescando com o arpão trocado numa de suas visitas a um centro urbano; e, à direita, embaixo, o resultado de uma pescaria de um índio da tribo Yawalepiti.



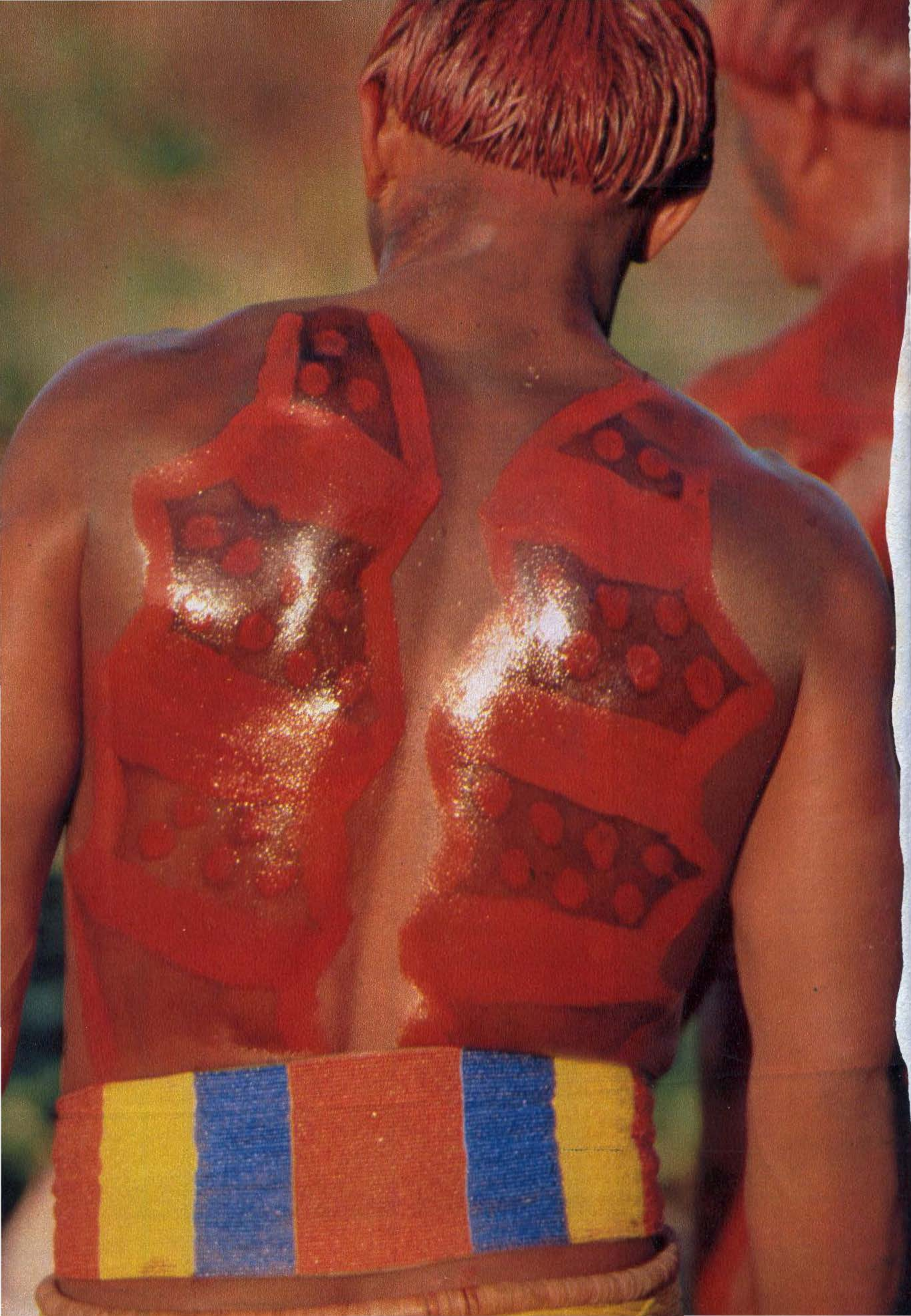




Foto Manchete

O **urucu**, em cima, é uma das tintas usadas pelos índios para pintar o corpo, e, além da sua linda cor, protege do sol e das picadas de insetos. Na página anterior, na foto ao alto e nas páginas 100-101, os índios Yawalepiti preparam-se para uma festa oferecida pelos Kamayurá, seus vizinhos no Parque do Xingu.

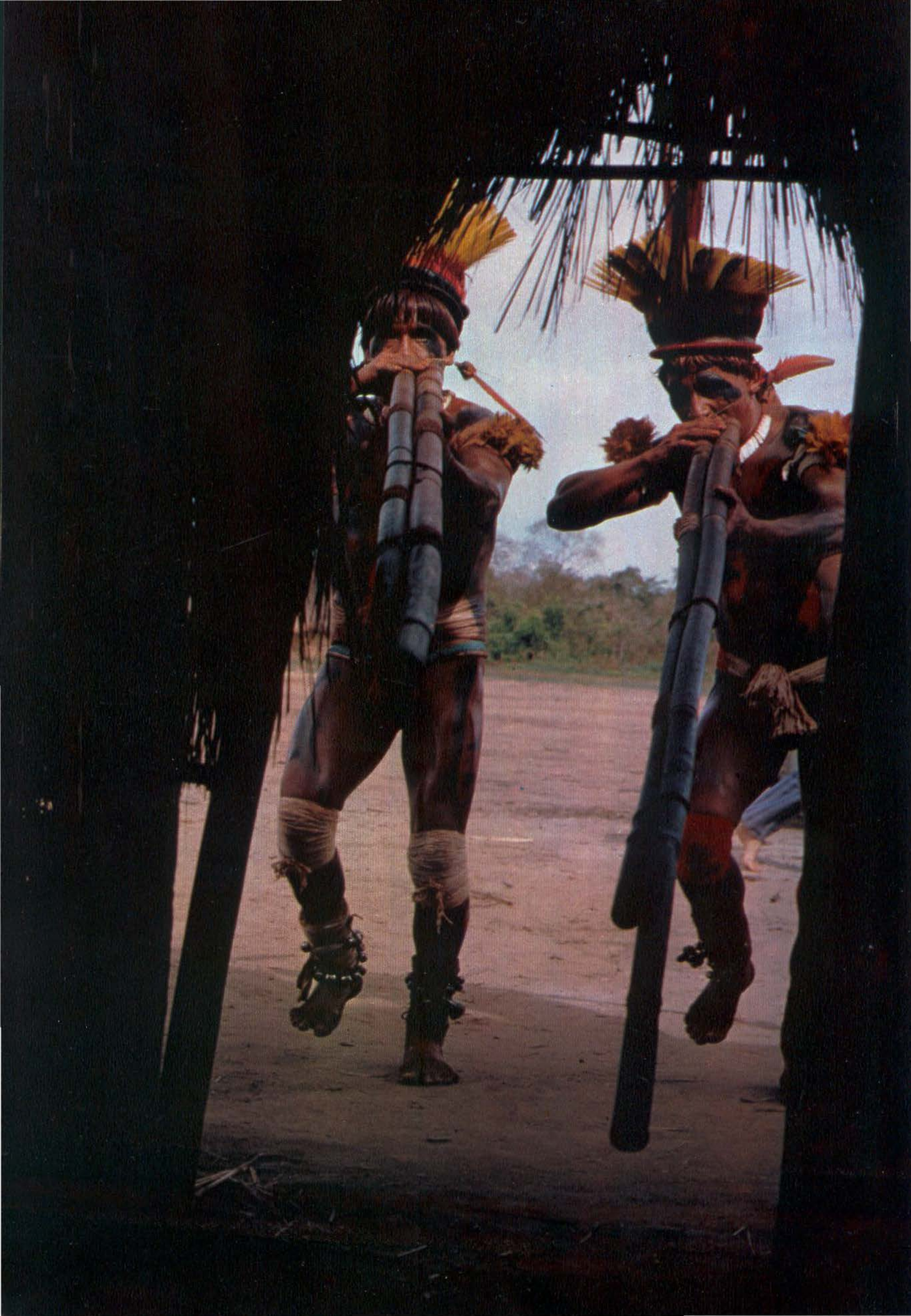
muitos caminhos levam à água onde os índios se banham várias vezes ao dia. As casas apresentam geralmente a forma oval, chegando a atingir oito metros de altura no vão central. Seu conforto térmico é perfeito, pois armazenam o calor do dia para as noites mais frescas, e vice-versa, mantendo uma ventilação constante através de duas aberturas: uma na frente e outra atrás. E, apesar do seu tamanho, não costumam abrigar grande número de pessoas.

A alimentação destas tribos é baseada na pesca, que é farta, na mandioca preparada de várias maneiras e em algumas frutas como a banana e o pequi. Na falta do sal de cozinha, os índios retiram das cinzas de uma planta aquática — aguapé — o tempero de sua comida. Este condimento de cor cinzenta tem o gosto idêntico ao do cloreto de sódio e atende às mesmas necessidades orgânicas. A caça, ainda que abundante, geralmente não é utilizada para a alimentação, mesmo quando são mortos porcos-do-mato, que estragam as roças.

Devido à grande piscozidade da região, desenvolveram-se vários métodos de pesca, que vão desde o tradicional arco e flecha (o mais usado) até o arpão introduzido pelo branco, passando pelo timbó e o anzol. A pesca com o timbó realiza-se geralmente quando há necessidade de gran-









O som da flauta uruá anuncia a realização de todos os festejos entre os índios do Xingu — página anterior. Embaixo, um índio preparando seu cocar, e, à esquerda, uma Kamayurá levando seu filho no colo, um gesto muito valorizado entre os indígenas.

Foto Manchete



des quantidades de peixe — em festas, por exemplo. Neste tipo de pescaria a lagoa ou o braço de rio é fechado com redes e, em seguida, os pescadores com um feixe de timbó e uma marreta extraem desta espécie de cipó a seiva que entorpece os peixes e faz com que eles venham à tona, permitindo que sejam apanhados com a mão ou servindo de alvo fácil para os indiozinhos treinarem a pontaria com arco e flecha.

Mas, apesar de os recursos naturais serem igualmente disponíveis a todos os grupos que habitam esta região do Parque, eles caracterizam-se artisticamente pela especialização na feitura de determinados utensílios e ornamentos. Os Kamayurá são mestres na confecção de arcos e flechas de madeira negra; os Waurá dominam o barro para modelagem de vasos e panelões; e os Kalapalo fazem colares de caramujos brancos, usados por quase todas as tribos das redondezas. O excedente desta produção compõe um sistema de trocas e jamais é utilizado com fins lucrativos.

O sentido de posse entre essas tribos é bem diferente do nosso. Quando um índio recebe algo em troca de algum objeto ou trabalho seu, ele permite que todos usufruam dos seus benefícios, e assim não existem maiores obstáculos nas suas relações. Por ocasião da união de dois índios de tribos diferentes, cabe ao noivo aprender

a língua da esposa. Além disso, há o costume de o jovem marido passar algum tempo na casa dos sogros, cuidando da pesca e da roça da nova família. E, nestes casos, os filhos aprendem duas línguas.

A educação das crianças é notável, sendo total a sua liberdade. Certa vez um indiozinho incendiou a casa da família e, para espanto de um médico visitante, não foi repreendido pelos pais, que têm certeza de que com o tempo as crianças aprendem a diferenciar o certo do errado. Portanto, não é por isso que durante a puberdade os índios passam por um período de reclusão, recebendo dos pais os ensinamentos necessários à vida, e só deixando sua casa para o banho, as necessi-

dades fisiológicas e o treinamento da luta *huka-huka*.

Na época das festas a aldeia dos Kamayurá enche-se de alegria; há farta distribuição de peixes para os convidados, e os membros da tribo ornamentam-se para as comemorações. Este período vai de maio a outubro, quando o clima é mais ameno e raramente chove. O Quarup e o Javari são as cerimônias mais importantes, promovendo o contato íntimo entre tribos vizinhas.

O Quarup é a cerimônia fúnebre dedicada aos mortos, representados por um totem feito de um tronco de quarup pintado e enfeitado. A tribo canta e dança em torno do mourão fincado no terreiro da



As casas das aldeias do Xingu, sempre amplas e imponentes, não diferem muito umas das outras. No entanto, o mesmo não acontece com os enfeites usados pelos indígenas do Parque, já que cada grupo se especializa num determinado objeto, embora todos tenham acesso às mesmas matérias-primas. À direita, índios usando colares de caramujos, uma especialidade dos Kalapalo, e brincos feitos de plumas de tucanos. Embaixo, à direita, um índio preparado para a cerimônia do Javari.

Foto Manchete



Foto Manchete



taba, ao mesmo tempo em que se realiza o ritual dos pajés, numa combinação de forças que tem por objetivo dar vida ao tronco. Segundo a lenda, com o aparecimento do sol, os troncos assumiam formas humanas, mas esta transformação só poderia ser presenciada por aqueles que não tivessem mantido relações sexuais na noite anterior. Porém, o não cumprimento desta exigência por um índio fez com que os troncos voltassem a ser simplesmente madeira. Depois disso, a divindade Mavut-sinim, revoltada, sentenciou que nunca mais os mortos retornariam à vida nas cerimônias do Quarup, e, ordenando que os troncos fossem jogados na água, estabeleceu que dali em diante do Quarup só restaria a festa.

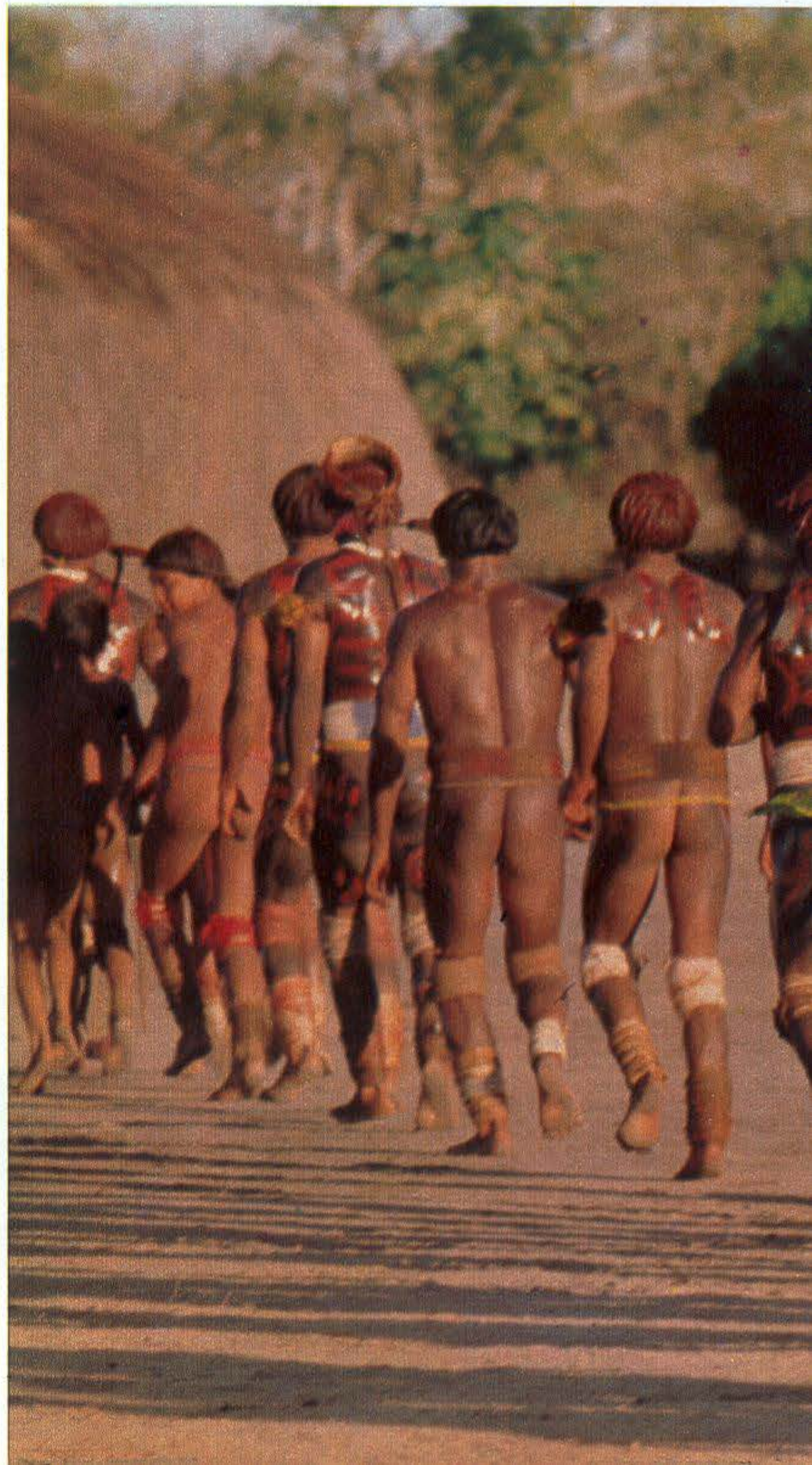
As festas são anunciadas pelo som das flautas uruá, tocadas sempre por pares de índios que percorrem todas as casas da aldeia marcando o ritmo de sua música com

chocalhos amarrados nos tornozelos. Ao nascer do dia os anfitriões e os visitantes cobrem o corpo com óleo de pequi, que dá maior maleabilidade para a luta *huka-huka*. Os líderes de cada grupo escolhem então seus melhores lutadores e os alinham, de quatro no chão, esperando a escolha dos adversários. A luta é estimulada por gritos que os brancos reconheceram como *huka-huka*, e tem por objetivo derrubar o adversário fortemente seguro pelas mãos e pescoço.

O Javari é uma festa menor, mas também se destina a homenagear os mortos. Nesta cerimônia só há um grupo convidado para as competições, que servem para amenizar quaisquer tensões porventura existentes entre as tribos. O jogo típico do Javari consiste em acertar o adversário com uma flecha sem ponta, e o seu treinamento é feito com uma espécie de espantalho que recebe todos os ataques



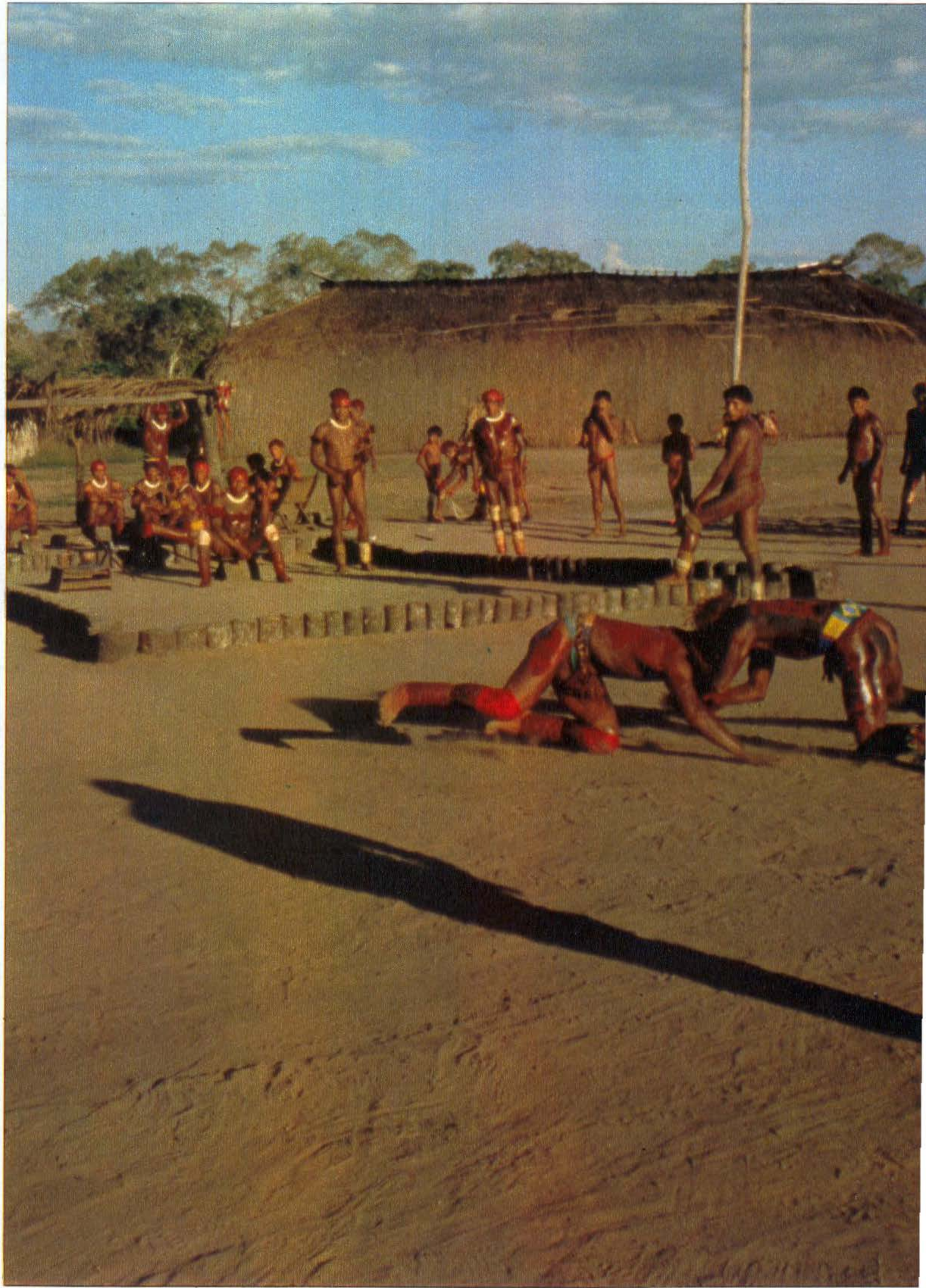
Foto Manchete

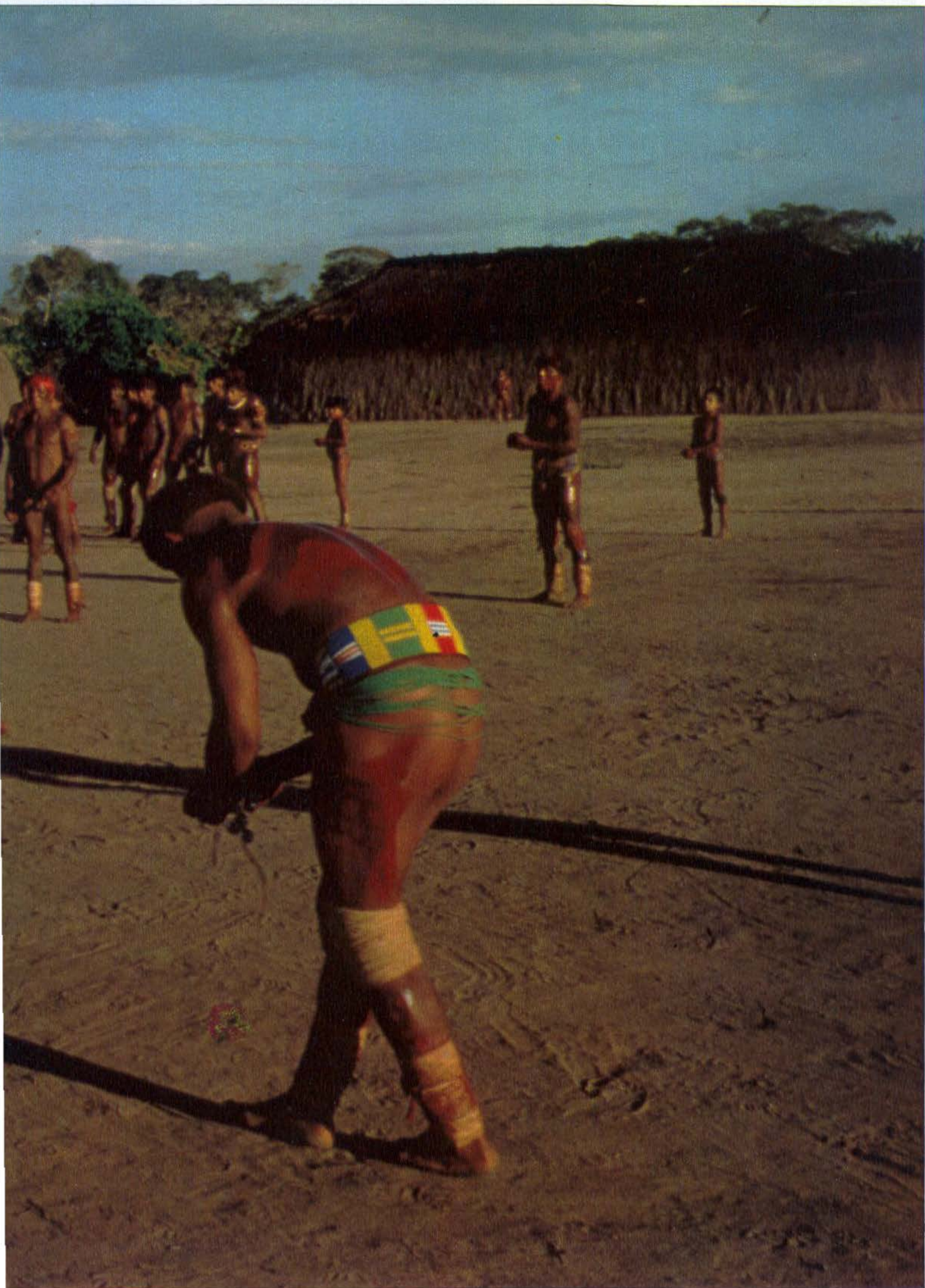


**Todas** as festas realizadas no Parque do Xingu são anunciadas por índios que, aos pares, visitam as casas da aldeia levando o som de suas flautas uruá — à direita. Dentre estas cerimônias, o Javari, com seu jogo de arco e flecha, é uma das mais importantes — na página anterior, o treinamento para a competição com uma espécie de espantalho servindo de alvo. Embaixo, os índios enfileirados dirigem-se para a luta *huka-huka*, e nas páginas 108-109, a apresentação do combate, vendo-se cada um dos contendores tentando derrubar o outro para ser aclamado vencedor.

Foto Manchete





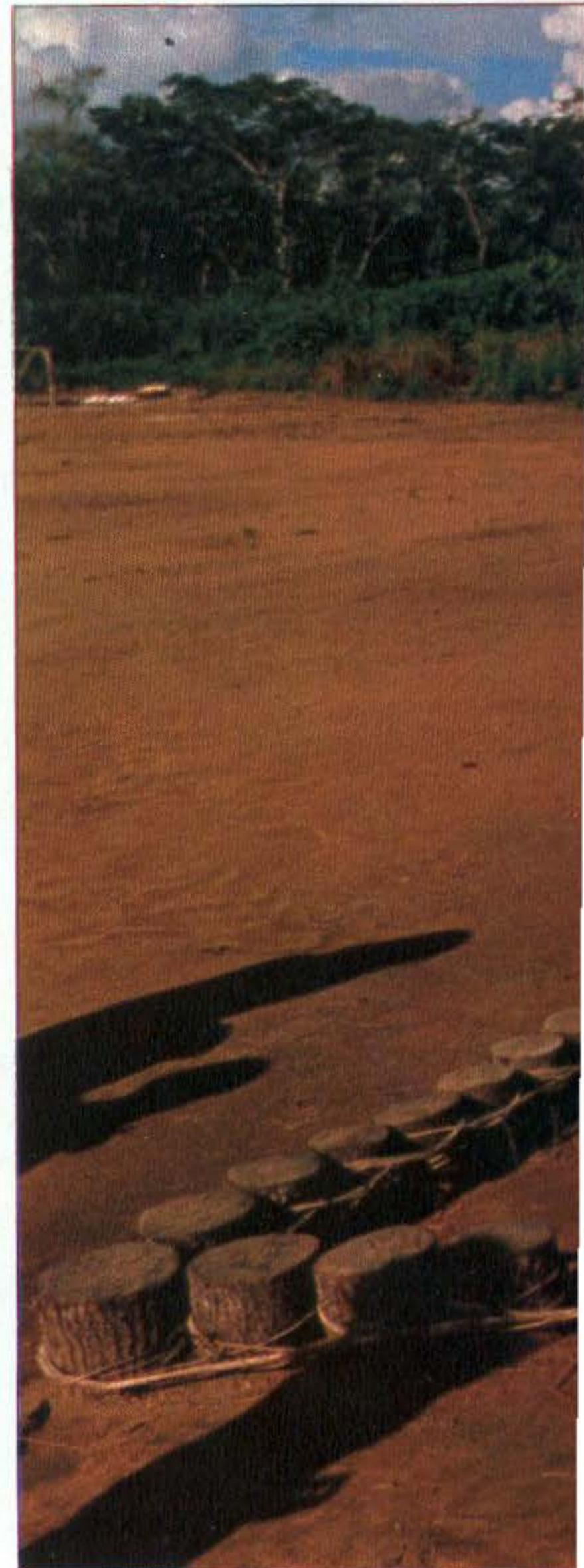




O diretor do Parque do Xingu, antropólogo Olímpio Serra, à esquerda, é muito querido entre os índios, sendo o convidado de honra em todas as festas. Embaixo, à esquerda, a chegada de índios convidados para o Javari, na aldeia Kamayurá; e, embaixo, o terreno onde são enterrados os chefes tribais e que fica sempre em frente à casa das flautas, o ponto de reunião dos homens da tribo, sendo um local proibido para mulheres.



Foto Manchete



que os índios destinam aos seus adversários de competição. Neste sentido, o Quarup e o Javari representam dois encontros sociais de simbolismos opostos, já que o primeiro é a expressão ritual da solidariedade e o segundo, a da hostilidade existente entre as tribos.

Na aldeia Kamayurá ocorre atualmente um fato não muito comum entre os índios, que é a atribuição de poderes de cacique e pajé ao mesmo chefe, Tacumã. Esta liderança é muitas vezes hereditária, sendo o futuro capitão — como também é conhecido — treinado desde a infância para seu cargo.

Desde 1884, quando o explorador Von den Steinen fez a primeira aproximação

com os índios do Xingu, estas tribos vêm se familiarizando com a sociedade e as técnicas dos brancos. Mas este contato tem sido mais recentemente controlado por antropólogos e sociólogos que procuram evitar que o índio se sinta marginalizado como um excepcional. A direção da FUNAI também vem lutando contra a invasão das terras indígenas através da demarcação destas reservas, de forma a garantir sua posse aos legítimos donos. A política da FUNAI não é de integração do indígena, mas de garantir sua vida e integridade. Da mesma forma, a descoberta de novos grupos não implica na tentativa de contato imediato, se não houver razão maior para isso. □

